

Mannoni propõe-se a deslocar o eixo da análise didática da instituição formadora para o próprio analisando, quase 30 anos depois da famosa frase de Lacan: "O analista só se autoriza por si mesmo". Para fazê-lo, analisa três variáveis principais: a história do tripé de formação do analista (análise, supervisão e estudo e pesquisa teórica), as instituições psicanalíticas (seus mecanismos de controle, habilitação e formação), e o que julgo mais interessante em se tratando de alguém com a importância de M. Mannoni: a sua experiência pessoal neste difícil trajeto entre a paixão de ser analista e a "loucura" de saber do inconsciente. Paixão do ser que é definida como um tempo de interrogação e de busca da verdade, e "loucura" de saber que, por vezes, evoca uma militância pedagógica na qual o que se transmite é um saber constituído que obtura o inconsciente.

Diz a autora: "Como outros analistas, Lacan certamente conheceu, durante sua carreira, análises "passionais" cujo resultado foi o suicídio, mas nem por isso deixou de ser o agente das mais notáveis "conversões" criadoras das quais não se falou. Com os excessos, as falhas, as "loucuras", as paixões, os impasses e as divagações que são

Da paixão à "Loucura" de tornar-se analista

Resenha de Maud Mannoni, Da paixão do ser à "loucura" de saber: Freud, os anglo-saxões e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, 214 p.

os da própria análise, temos agora, por nossa vez, de retomar a chama da análise, situando-nos não na qualidade de "herdeiros" de Lacan, mas na qualidade de analistas "modificados" pela análise e cuja dívida para com ela continua a ser imensa" (p.23).

A análise didática, entendida como um trajeto no curso do qual alguém se torna analista, é esmiuçada a partir de uma perspectiva histórica e teórico-ideológica.

Analisando os objetivos da cura para cada escola, a autora extrai conclusões a respeito das modalidades de formação e análise didática sugeridas pelos textos freudianos e pelas primeiras associações de analistas (grupo de Hamburgo e Berlim/Viena); pelos anglo-saxões (especialmente M. Klein e Winnicott) e, finalmente, por Lacan.

Esta exposição da história do movimento psicanalítico, feita de maneira rigorosa porém sucinta, serve de introdução ao posicionamento da autora perante as questões que concernem à formação atual dos psicanalistas. Sua avaliação dos problemas coloca interrogações que não são alheias às inquietações que agitam também o meio psicanalítico brasileiro.

Vejam, então, algumas das primeiras conclusões do texto: "Se há uma crise (...), ela está no nível das análises didáticas e das supervisões, que perderam a atração subversiva que tinham no começo do século, na época em que a análise tinha como efeito marginalizar aqueles que nela se engajavam. Atualmente a análise traz uma promoção, o que não deixa de influenciar a transferência do analista para o candidato".

Tentando desvincular a formação do analista da habilitação institucional, a autora propõe: "A instituição analítica deve manter na realidade referenciais suficientemente estritos em que fundamentar-se para validar a trajetória feita pelo candidato. Isso implica uma redefinição do que se entende por formação (*Ausbildungsanalyse*), que não deve ser confundida com a noção de modelo. Trata-se, idealmente, de

desvincular o conceito de formação de qualquer identificação com o analista e de qualquer supereu institucional" (p.34).

Com certo humor e a partir da análise dos escritos técnicos de Freud, acrescenta: "Se Freud queria ou propunha períodos curtos de análise, é porque estava preocupado com a necessidade de manter algo como uma "abertura" do inconsciente. Como dizia Freud, a análise acaba, no entanto, por estragar o caráter do analista. Assim, o que é preciso inventar, institucionalmente falando, é uma maneira de *providenciar atalhos* que autorizem os jovens analistas a indagar o que foi sua análise. Não existe nenhuma solução miraculosa. Mas, no nível das dificuldades, há algo a aprender com certos impasses. Os analistas didatas deveriam, além disso, poder ser também eles interpelados, sem que, no entanto, isso terminasse numa formalidade" (p.42).

Preocupada em desvendar a distância que medeia entre as posições teóricas e aquilo que guia inconscientemente o analista na sua clínica, Mannoni estabelece um paralelo entre a relação analítica e o tema do fantasma e o duplo, fazendo uma bellissima análise do texto "O homem de Areia", de Hoffmann. Mito e realidade, estrutura e história, construção e interpretação são temas abordados para resgatar a palavra do analista no trabalho de interpretação, e para fundamentar

uma oposição consistente à referência estrutural da análise laciana posterior a 1970, que - segundo Mannoni - chegou a esvaziar a história do paciente do processo de análise. "Com o matema, reintroduziu-se um saber positivo (no mais puro estilo psiquiátrico) e houve um distanciamento da análise das modificações dialéticas próprias do desenrolar do tratamento" (p.76).

Com o mesmo rigor utilizado para conceitualizar o que torna uma análise "didática", Mannoni aborda o tema da supervisão e da transmissão do saber teórico. Assim como a análise didática é trabalhada a partir da teoria da cura de cada escola psicanalítica, para caracterizar a supervisão, e a fim de abri-la a uma crítica dos seus fundamentos, ela a situa na história do movimento psicanalítico. Sob o ângulo da supervisão, reto-

ma-se a análise da instituição psicanalítica e da confusão entre habilitação e formação.

Se antes de 1920 a supervisão fazia parte de um processo de sensibilização do candidato a analista para as questões do inconsciente, a partir desta data ela se torna uma instância de vigilância, ora integrada à análise didática (como no grupo húngaro), ora dentro do sistema tripartido de formação (nos grupos de Berlim ou Viena).

Mannoni prossegue a análise histórica até os dias de hoje, relatando inclusive sua experiência pessoal como supervisionada de F. Dolto e de Lacan. Com estes dados, esboça diferentes modalidades de supervisão, dentre as quais a que chama de "supervisão propriamente dita ou trabalho prático sob supervisão". Este é o modelo com o qual a autora se identifica, ao se definir como uma supervisora que atribui valor a um modo de acompanhamento informal, no estilo do companheirismo, incentivando o colega a trazer não tanto o relato fiel das

sessões, mas o que está em impasse em uma ou em outra de suas análises.

É fácil perceber que o texto remete os analistas à sua própria prática, e questiona o lugar do "mestre" tanto na condução da cura quanto na transmissão de um saber em seminários ou supervisões. Isto é possível principalmente pela clareza de exposição das idéias. Aliás, esta é uma característica dos textos de Mannoni: um estilo próprio, claro, sem "jargões" desnecessários e, acima de tudo, polêmico.

A discussão das idéias vê-se enriquecida, também, pela transcrição dos debates posteriores à apresentação do texto por parte da autora. Entre outros debatedores, C. Stein, M. Safouan e M. Moscovici tecem considerações sobre os temas expostos e falam da experiência de formação de cada um deles, permitindo ao leitor o acesso às diferenças que constituem, hoje, o mosaico de linhas teóricas que costumamos denominar como "psicanálise francesa".

Uma farta bibliografia, adequadamente organizada, oferece um ótimo guia para o aprofundamento das questões abordadas, já que não existe um único caminho para a solução dos problemas vinculados com a formação do analista. Pelo contrário, a autora procura reafirmar uma ética que comprometa os analistas com a verdade inconsciente e os liberte dos ideais institucionais que atentam contra esta abertura. Manter tal abertura, para o analista, significa aceitar os limites do seu saber e, através das histórias inacabadas dos pacientes, aprender com eles: "A modulação passional da história de um sujeito, que remete àquilo que o formou na infância, é também o que constitui sua humanidade. E é para uma leitura dessa história que o analista é convidado" (p.151).

Isabel D.M. de Vilutis é
psicanalista, membro do
Departamento de Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae.